

Resenha

AMOSSY, Ruth. **Apologie de la polémique**. Collection dirigée par Michel Meyer. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coleção dirigida por Michel Meyer. Coordenação de trad. Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

Lucas Nascimento da Silva*

Quase sempre, somos convocados a nos posicionar em um dos lados de uma polêmica. Tanto que podemos facilmente nos lembrar de várias polêmicas. Elas são marcantes. Por exemplo, a polêmica em torno do *queermuseu*, no Santander, a antiga polêmica sobre redução da maioria penal, sobre a descriminalização do aborto, sobre a criminalização da homofobia e, claro, a polêmica em torno da destituição da então presidente Dilma Rousseff, e a lista se agigantaria bastante se continuasse.

Não é exagero dizer que as polêmicas são como a mitológica *hidra*, quando lhe corta uma cabeça, nascem duas outras em seu lugar. Por outro lado, sabemos também que os jornalistas se utilizam do termo *polêmica* de maneira sensacionalista: a qualquer discussão mais enérgica, dão-lhe o rótulo de “polêmico” na machete dos jornais. Polêmica vende, muito embora tenha má reputação.

Então, como saber se um discurso é o ou não polêmico? Ou, para além dessa questão primária, como estudar melhor as polêmicas a partir de suas características constitutivas? Pois bem, eis *Apologie de la polémique*, da analista do discurso e da argumentação, Professora Emérita da Universidade de Tel Aviv, Ruth Amossy. A obra foi editada na coleção “L’interrogation philosophique”, dirigida por Michel Meyer e publicada pelas Presses Universitaires de France, em março de 2014. Aqui, no Brasil, ela foi traduzida, sob a coordenação de Mônica Magalhães Cavalcanti, e lançada, em 2017, com mesmo título *Apologia da polêmica*, pela editora Contexto, com 224 páginas.

* Doutor em Língua e Cultura (UFBA/PPGLinC), Mestre em Estudo de Linguagens (UNEB/PPGEL), Professor Associado de Língua Portuguesa da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). Foi bolsista FAPESB durante a realização da pesquisa de doutorado. Contato: mlucasnascimento@gmail.com.

Marc Angenot, o grande analista do discurso canadense, autor do *Dialogues de sourds*, declarou, em um artigo¹ escrito, à revista *Argumentation et Analyse du Discours*, em 2014, editada pela própria Ruth Amossy, que a obra veio para preencher uma lacuna a respeito das controvérsias intelectuais e das polêmicas públicas (ANGENOT, 2014). Depois de propor uma “análise argumentativa do discurso”, em *L’argumentation dans le discours*² ([2000] 2010), em *Apologia da polêmica*, Amossy reinscreve a polêmica no quadro da argumentação retórica, mais propriamente, na retórica do *dissenso*, cujo pano de fundo são as democracias pluralistas. A linguista israelense realmente faz uma apologia da polêmica como modalidade argumentativa, responsável por gerir os conflitos nas sociedades em que eles são inevitáveis. É importante, no entanto, apontar que a autora não faz um elogio incondicional e irresponsável à polêmica, mas traz uma reflexão teórica e filosófica, reconhecendo seus limites e possibilidades numa sociedade plural.

A partir de diferentes casos analisados, ancorada na perspectiva do pluralismo agonístico de Chantal Mouffe e no suporte de importantes estudiosos da polêmica, como Dominique Maingueneau, Marc Angenot e o brasileiro Marcelo Dascal, dentre outros, Ruth Amossy assegura que “o *dissenso* é, sem dúvida, o motor incontestado da democracia” (2017, p. 19). Nesse sentido, a polêmica contribui para colocar os diversos temas em discussão e dá voz às diferenças no espaço público, o qual é regido por seus lugares de circulação em seus diferentes discursos e gêneros discursivos.

“A polêmica é, portanto,” diz-nos Amossy, “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa dada cultura” (2017, p. 49). Assim, a linguista israelense traz a polêmica para o centro dessa maneira pluralista de fazer política e contraria as visões que menosprezam a importância do *dissenso*. Quem assim o faz, coloca-o como um fracasso na maneira de argumentar, o que Amossy refuta e pensa contrário, uma vez que a persistência do diferendo é “uma característica do funcionamento democrático” (2017, p. 205). Não é à toa que Amossy a legitima no campo da deliberação democrática, argumentando que essa modalidade

¹ O título do artigo é “La rhétorique de la qualification et les controverses d’étiquetage”, publicado em 2014. Este artigo foi traduzido por Rodrigo Seixas e será publicado pela Revista *Eid&a*, na edição de dezembro de 2018.

² “A argumentação no discurso”, publicada pela editora Contexto, em 2018, cuja coordenação da tradução foi dos professores Eduardo Pires e Moisés Olímpio-Ferreira.

argumentativa é um meio de ver com outros olhos as divergências de perspectiva no espaço público e de convocar os cidadãos para participação³.

Se o discurso polêmico cumpre sua função no espaço público, ele está associado, portanto, ao modo como circula os discursos na esfera democrática. Sendo assim, embora ele tenha normas e ritos próprios, seu *modus operandi* é o choque de opiniões não apenas diferentes, mas, contraditórias as quais exprimem uma divergência profunda. A polêmica é, por assim dizer, marcada por “uma oposição de discurso. O antagonismo das opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua condição *sine qua non*” (AMOSSY, 2017, p. 49), algo próprio da argumentação retórica.

Como a polêmica se diferencia da deliberação comum? A resposta para isso é compreender que ela está num polo diametralmente oposto, num “*continuum* e que vai da coconstrução das respostas ao choque de teses antagônicas” (2017, p. 52), atravessando os gêneros e os tipos de discursos. Assim, as especificidades que a polêmica assume no interior do campo da argumentação se dão por seu caráter conflitual, de maneira que ela realiza três movimentos próprios: o da *dicotomização*, o da *polarização* e o da *desqualificação do outro*, e dois outros movimentos secundários: a *violência verbal* e o *pathos*.

Por dicotomização, Amossy compreende como aquilo que leva a colocar as posições em confronto como irredutíveis, impedindo as possibilidades de mútua compreensão. Dessa maneira, “*a polêmica, que trata de questões de interesse público, é uma gestão verbal do conflitual, caracterizada por uma tendência à dicotomização, que torna problemática a procura por um acordo*”⁴ (2014, p. 58, itálico da autora).

Desse fenômeno mais abstrato, gera-se outro de cunho fortemente mais social, a *polarização*, a qual dispõe os sujeitos em grupos de campos adversos. Ela pode ser compreendida como a divisão entre um “nós”, defensores do bem, e “eles”, os defensores do mal. Portanto, “a retórica da polarização consiste em estabelecer campos inimigos e é, portanto, um fenômeno social, e não uma divisão abstrata em teses antagônicas e inconciliáveis” (AMOSSY, 2017, p. 57).

³ Nesse sentido, embora se possa dizer que haja dissensos profundos e irreconciliáveis, a proposta de Amossy é de não se falar do “diálogo de surdos”, como coloca Angenot (2008). Contudo, ela propõe falar de como é possível a gestão das divergências profundas com o objetivo das vozes aparecerem, apontando para as possibilidades do viver em conjunto.

⁴ Tradução livre do autor. Texto original: “*La polemique, qui traite de questions d’intérêt public, est une gestion verbale du conflictual caractérisée par une tendance à la dichotomisation qui rend problématique la quête d’un accord*”.

O resultado de ambos ingredientes, dicotomização e polarização, é a desqualificação do outro, em que sua imagem é desacreditada e a identidade do atacante é construída em oposição à do desqualificado. Mas também, pode-se chegar a certa diabolização do adversário, enquanto encarnação do mal absoluto. Um exemplo que Amossy recorre para ilustrar a diabolização é a fala do finado presidente da Venezuela, Hugo Chávez, às Nações Unidas, em 2006. Chávez se refere ao ex-presidente George W. Bush, que havia falado no dia anterior, da seguinte forma: “E o diabo veio aqui ontem. Ontem o diabo veio aqui. Justo aqui (ele aponta para si mesmo). E ainda cheira a enxofre hoje” (AMOSSY, 2017, p. 60).

Além desses, dois elementos que, por vezes, fazem parte da polêmica, mas não enquanto elemento definidor, são a violência verbal e a paixão (*pathos*). Esta se faz presente pelo engajamento enunciativo dos interlocutores em um debate virulento, aquela faz-se presente em muitas polêmicas, mas não em todas. Assim, a violência verbal⁵ é um traço opcional e não definidor da polêmica, argumenta Amossy, afinal, a polêmica não é “parole sauvage”⁶ (2014, p. 68).

A polêmica está intimidade ligada ao espaço público. Por conta disso, ela também se constitui na encenação, já que é espetacularizada pelos *media*, tornando-se um acontecimento midiático, cuja (re)construção se dá *a posteriori* (AMOSSY, 2017). Muito embora a polêmica seja dialógica, no sentido bakhtiniano⁷, ela não acontece necessariamente por meio de diálogos. Porquanto, nem sempre ela é dialogal, no sentido do face a face, mas, por vezes, pode se transformar em polílogos⁸. Fato é, o formato da polêmica é o da circulação de discursos. Nessa perspectiva, a polêmica, enquanto modalidade argumentativa, retira o *dissenso* do recalque ao legitimar argumentativamente a coexistência na pluralidade das opiniões agônicas no espaço público.

A obra de Ruth Amossy é deveras importante, e já tem auxiliado pesquisadores na análise das diferentes polêmicas públicas no Brasil. Sua obra está dividida em três partes. Na primeira parte, denominada de “Reflexões Teóricas”, trata de uma retórica do dissenso, faz uma crítica contundente à retórica do consenso, a qual pode ser representada por Chaïm Perelman e sua *Nova Retórica*. Ainda nessa parte, a linguista israelense escreve o capítulo que julgo mais importante de sua obra: “O que

⁵ Nem sempre quando há violência verbal há polêmica.

⁶ Tradução livre do autor. Texto original: “uma fala selvagem”.

⁷ Amossy (2017, p. 198) serve-se de *Marxismo e filosofia da linguagem* para falar da polêmica como dialógica, mas não cita *Problemas da poética de Dostoiévski* onde Bakhtin trabalha a questão específica. Voltarei à questão mais à frente.

⁸ É uma interação verbal em que participam vários locutores, como em debates virtuais, a exemplo de chats, comentários no Facebook etc.

é a polêmica? Questões de definição”. É nesse que ela traz as características constitutivas da polêmica, a respeito das quais já discorri acima.

Na segunda parte, denominada “As modalidades da polêmica: o exemplo das mulheres no espaço público”, Amossy aprofunda algumas questões teóricas, distinguindo *discurso polêmica* de *interação polêmica*, para então analisar a polêmica em torno do uso da burca na França. No capítulo seguinte, da França vai para Israel a fim de tratar d’A polêmica no espaço público: ‘a exclusão das mulheres’ em Israel”.

Na terceira parte, denominada de “Razão, paixão e violência: o debate sobre os bônus e a opção de compra de ações”, Amossy argumenta que a paixão (*pathos*) não é uma característica intrínseca à polêmica. Para tanto, ela traz exemplos do mercado de ações em que “marcas discursivas de emoção ou por apelos à paixão” (2017, p. 140) não aparecem nos discursos. Desse modo, ela argumenta que “a paixão não produz a polêmica, mas a exacerba” (2017, p. 145).

Ora, se podemos olhar a polêmica sob esse viés, o que é produtivo, acredito que podemos ir um pouco mais fundo e ver a polêmica como algo inerente ao humano. Como assim? Antes de ter em mãos a obra de Amossy (2014), comecei um trabalho de pensar a polêmica a partir do dialogismo polêmico de Mikhail Bakhtin (2013), desenvolvido em *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Em minha tese de doutorado, estabeleço diálogo com Amossy, porém defendo que a polêmica não é importante apenas porque diz respeito à constituição da democracia e do pluralismo, mas, sobretudo, porque faz parte da própria natureza da linguagem e, por assim dizer, da natureza humana. O que me leva a afirmar que polemizar é, sobremaneira, um ato ético (NASCIMENTO, 2018).

Pense comigo: se a natureza da linguagem é dialógica e a dialogia não indica apenas o 'diálogo' no sentido comum, mas também o desacordo, o dissenso e a polêmica, então, de certa maneira, a polêmica não pode ser vista como se estivesse fora da constituição da natureza da linguagem natural, como se ela fosse uma intrusa no banquete dos sentidos (NASCIMENTO, 2018). Não é à toa que a polêmica oferece sua parcela significativa de contribuição na dinâmica dos sentidos, como Dominique Maingueneau já mostrou em *Sémantique de la polémique* (1983) e em *Gênese dos discursos* ([1984] 2008).

O que me permite pensar dessa maneira é o fundamento antropológico por que penso a polêmica através de Bakhtin (2010; 2013) e de sua vinculação velada com o filósofo russo Max Scheler. Assim, proponho uma *análise dialógica da*

argumentação, a partir de um encontro epistemológico entre dialogismo e retórica argumentativa, trazendo a hipótese de que *a polêmica é um ódio velado aos valores amados do outro*, manifestando-se argumentativamente, sobretudo, pela polarização, cujas características particulares vão se delineando no processo argumentativo concreto⁹ (NASCIMENTO, 2018).

Como o foco é o livro da Amossy, então, chamo atenção para o fato de ela se servir de *Marxismo e filosofia da linguagem* - escrito por Volochínov, mas atribuído a Bakhtin (2014) - para confirmar sua tese de que a polêmica é dialógica, e não apenas dialogal (AMOSSY, 2017, p. 198). No entanto, ela não vai afundo no trabalho do próprio Bakhtin (*Problemas da Poética de Dostoiévski*, 2013), no qual ele trata especificamente da polêmica. Na verdade, ela nem cita sua existência. Não é que Bakhtin deva ser citado em tudo, mas já que o menciona para validar uma perspectiva sobre a polêmica, seria importante fazê-lo a respeito da obra em que o filósofo russo trabalha especificamente a respeito do assunto, seu *dialogismo polêmico*. Isso, entretanto, não diminui o grande trabalho de Ruth Amossy.

Como escreveu o teórico português Rui Grácio, a respeito de *Apologie de la polémique*, “O contributo fundamental desta obra é rico e fecundo a vários níveis” (2014, 301). A perspectiva de Amossy é bastante produtiva, e mostra certa continuidade, claro, com enfoques específicos, dos trabalhos tanto de Maingueneau quanto de Angenot. A questão dela não é fazer um elogio incondicional da polêmica pública, mas numa sociedade em que a regra acaba sendo o conflito de opiniões, caso se queira conservar seu pluralismo, a polêmica pública é a resposta razoável. Isto porque

Numa sociedade dividida, na qual o conflito de opiniões permanece como regra, caso se deseje preservar seu pluralismo e sua diversidade, a polêmica pública proporciona um meio de lutar por uma causa e de protestar contra o que é percebido como intolerável, de realizar reagrupamentos identitários, provocando trocas mais ou menos diretas com o adversário, e de gerenciar os desacordos, bastante profundos, sem lhes permitir degenerar em manifestações sociais e em violência fratricida (AMOSSY, 2017, p. 216).

A questão não seria incentivar a polêmica, mas compreendê-la como realidade e ter nessa modalidade um meio para se assegurar um espaço de discussão numa

⁹ “O ódio é o outro do amor. Todo ódio a um valor pressupõe um valor amado que lhe é contrário. A lógica do ódio está no fato de que “*todo ato de ódio assenta num ato de amor*, sem o qual ele careceria de sentido” (SCHELER, 2008, p. 66), portanto, ambos se distanciam da zona de indiferença, na medida em que ambos se interessam pelos objetos portadores de valor, cujo interesse, originalmente, está orientado para o amor, onde de lá se vislumbra seu outro e o odeia. Isto pode ficar bem compreendido na frase de Bossuet, citada por Scheler: “o ódio que se sente contra qualquer coisa procede apenas do amor que por outra se sente; detesto a doença tão somente porque amo a saúde (2008, p. 67-68)” (NASCIMENTO, 2018, p. 200).

sociedade plural. Na perspectiva de que às vezes o consenso não é possível é que se pode chegar a certos consensos possíveis. Com isso é que se pode dizer, como Ruth Amossy (2017, p. 216) finaliza seu livro, da possibilidade da “coexistência no *dissenso*”.

Referências

AMOSSY, Ruth. **Apologie de la polémique**. Collection dirigée par Michel Meyer. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.

_____. **Apologia da polêmica**. Coleção dirigida por Michel Meyer. Coordenação de trad. Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2010 [2000].

ANGENOT, Marc. La rhétorique de la qualification et les controverses d'étiquetage. **Argumentation et Analyse du Discours**, 13 | 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/aad/1787> >. Consultado em 24 de setembro de 2018.

GRÁCIO, Rui Alexandre. Resenha de *Apologie de la polémique*, de Ruth Amossy. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 7, p. 296-302, dez.2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **La sémantique de la polemique**: discours religieux et ruptures idéologiques au XVII siècle. Lausanne: L'Age d'homme, 1983.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008.

NASCIMENTO, Lucas, Silva. **Análise dialógica da argumentação**: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político. (Tese de Doutorado). Salvador: Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2018. 557f.

Resenha recebida em: 29/10/2018

Resenha aprovada em: 21/11/2018